

## O ENEM NA MÍDIA: DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM SERGIPE

### *ENEM IN THE MEDIA: JOURNALISTIC DISCOURSE ABOUT SERGIPE EDUCATION EVALUATION*

Fabio Elias Verdiani Tfouni  
Universidade Federal de Sergipe  
([fabiotfouni@hotmail.com](mailto:fabiotfouni@hotmail.com))

Wilton James Bernardo-Santos  
Universidade Federal de Sergipe  
([wiltonjamesbernardo@gmail.com](mailto:wiltonjamesbernardo@gmail.com))

**RESUMO:** Com base nos aportes teórico-metodológicos da Análise do Discurso francesa (AD), este trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão acerca do impacto da avaliação como parte das políticas públicas em educação no Brasil. Analisamos o discurso sobre a educação em um jornal impresso, tomando como *corpus* empírico uma matéria sobre o ENEM. Os textos jornalísticos apresentam a educação em Sergipe a partir dos resultados do INEP/MEC, classificando as escolas de todo o país. Nesses textos, examinamos a construção de evidências: a primeira se filia a um discurso visual; a segunda constrói a avaliação a partir de um discurso burocrático, sistêmico, abstrato e, portanto, científico. No entrecruzamento dessas formações, uma terceira discursividade é decisiva na constituição do sujeito: a educação como um jogo, um espetáculo.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso. Mídia. Avaliação. Enem

**ABSTRACT:** Within the theoretical-methodological contributions of the French Discourse Analysis (AD), this paper reflects on the impact of evaluation as part of public policies on education in Brazil. We analyzed the discourse about education in one newspaper, taking as empirical corpus an article about ENEM (National High School Exam). Journalistic texts present education in Sergipe based on the results of INEP/MEC, classifying schools across the country. In these texts, we examine the construction of evidence: the first is analyzed as a visual discourse. The second evidence constructs the evaluation from a bureaucratic, systemic, abstract and therefore scientific discourse. In the intersection of these formations, a third discursivity is decisive in the constitution of the subject: education as a game, a spectacle.

**Keywords:** Discourse Analysis. Media. School evaluation

### Introdução

Os jornais, como parte da grande imprensa escrita, apresentam uma função importante nas discussões acerca dos grandes temas do Brasil e do mundo. Nesse sentido, eles desempenham, nas escolas (tanto públicas quanto particulares) um papel significativo na formação de concepções e ideias sobre educação. Os jornais fazem parte da concepção do futuro da educação ao permitirem a construção de

sentidos sobre as escolas, projetando, assim, um imaginário e, ao mesmo tempo, o que se entende por boa/má escola/educação.

Para compreender o que neste estudo trataremos como **imagem**, precisamos considerar a crítica que Pêcheux (1993) faz ao esquema de comunicação de Jakobson. Esse esquema conta com diversos elementos, entre eles um emissor (A), um receptor (B) e uma mensagem. Nele, não há uma “presença física de organismos humanos” (PÊCHEUX, 1993, p. 82), mas, sim, “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 1993, p. 82). Como afirma Pêcheux, trata-se do lugar do “Patrão..., do funcionário de repartição, do contramestre, do operário...”. Mas fundamentalmente, é necessário ressaltar que esses lugares são uma representação imaginária, ou seja, não estão presentes no discurso como tal: “O que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1993, p. 82).

Nesse contexto, a imagem do jornal impresso é a de um meio de comunicação instituído, o qual está autorizado a se pronunciar sobre os mais diversos assuntos – entre eles, a educação. Assim, é válido dizer que não somente a imagem do jornal está em jogo, mas, também, a do referente - o qual, nesse caso, é constituído pela escola e pela educação. Pêcheux, afirma: O “referente ... pertence igualmente às condições de produção. Sublinhemos que se trata de um **objeto imaginário** (a saber o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física” (PÊCHEUX, 1993, p. 83).

A discussão acima delimita o modo como tratamos imagem neste trabalho: um discurso que cria um imaginário acerca do referente, no nosso caso, -educação e escola. Em outras palavras, a educação é boa ou má? A escola é boa ou não? A escola realmente ensina? O aluno realmente aprende? Qual é desempenho dos alunos? Não se trata, portanto, da noção de imagem em sua representação não verbal - como fotografias, desenhos, ícones e outros -, embora no jornalismo, fotografias e charges sejam frequentemente utilizadas para complementar as reportagens e matérias.

Um tema próprio do projeto<sup>1</sup> do qual este trabalho é resultante são as repercussões sociais dos sistemas de avaliação das políticas públicas brasileiras na mídia. Nosso trabalho está preocupado, mais especificamente, com os efeitos que o jornalismo produz no sistema de avaliação em um jornal do estado de Sergipe. A objetividade do sistema de avaliação está em questão posto que os meios de comunicação interferem na compreensão dos resultados divulgados e, assim, no próprio sistema.

O ENEM passou a ter um forte impacto nas práticas do ensino quando, a partir de 2009, se tornou referência nacional nos processos seleção para ingresso nas instituições de ensino superior. Ser referência nacional é parte das condições de produção (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] /1993) na complexa rede de interferências do Sistema de Avaliação.

Nossa atenção está voltada justamente para os impactos do ENEM nas práticas do ensino e nos discursos da sociedade acerca da educação em Sergipe. Do ponto de vista discursivo, interessa compreender os modos de tratar e de significar a educação. Nosso objetivo é analisar o discurso sobre a educação no discurso jornalístico tomando como *corpus* empírico uma matéria de capa do jornal *Cinform*,<sup>2</sup> edição 1670, ano 32 (13 a 19 de abril de 2015). A matéria apresenta a educação em Sergipe a partir dos resultados disponibilizados por escola. Segundo o Inep, esses resultados “possibilitam a análise pela comunidade escolar e pelas famílias, para que se percebam os avanços e desafios a serem enfrentados”.<sup>3</sup>

Existe uma concepção do discurso jornalístico na qual ele é apresentado como discurso neutro, ideologicamente não marcado e que transmite a realidade tal qual ela é. Não é assim que a Análise de Discurso concebe esse discurso.

Para a AD, o discurso jornalístico seria exatamente o oposto, ou seja, um discurso que toma uma posição, sendo por isso tendencioso, carregado de ideologia, jamais neutro, e que, por isso, não pode transmitir a realidade em si mesma.

---

1 O presente trabalho se encaixa no contexto maior do projeto “O discurso sobre a qualidade da educação em jornais sergipanos” do grupo de pesquisa LED: Linguagem, enunciação e discurso para o ensino da língua portuguesa. <[http:// https://sites.google.com/site/gpledufs/](http://https://sites.google.com/site/gpledufs/)>

2 O Jornal *Cinform* foi fundado em 02 de 1982 para ser um “balcão de classificados” de circulação semanal. Em 1986, com forte apelo popular, adiciona, em suas edições, conteúdo jornalístico com linha editorial “rípida e independente”. O semanário chegou a operar com 25 mil exemplares. Disponível em <https://www.cinform.com.br/>.

3 < <http://portal.inep.gov.br/web/enem/enem-por-escola> >. Disponível em 12/11/2015.

Charaudeau (2007) aborda essa questão nos seguintes termos: “(...) o universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. Não é, como se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim, o resultado de uma construção” (p. 150). Considerando que a afirmação do autor se aplica aos jornais impressos como o Cinform, pode-se afirmar que a divulgação do resultado do ENEM por esta mídia funciona não como mera informação, mas como o trabalho de um discurso, de um imaginário acerca da educação.

Concordamos com Charaudeau, fazendo somente a ressalva de que a Análise do Discurso não concebe o discurso como transmissão de informação em si, pois a AD critica o conceito de informação (ORLANDI, 2002) na medida em que para certas teorias, a informação seria um conteúdo livre de ideologia. O trabalho de Melo (2004, p. 35) que trata dessa questão afirma: “Entende-se, contudo, que o texto noticioso não é imparcial e que seria impossível, diante das práticas discursivas jornalísticas, postular para os seus produtores uma isenção ideológica, visto ser a linguagem uma forma material da ideologia”.

Uma vez constituído na posição de neutralidade, o sujeito do jornalismo é tomado por esses sentidos e, nessa sujeição, o próprio fato de ser significado como neutro já é ideológico. Lembramos que Althusser (1999) lista a mídia entre os aparelhos ideológicos de estado.

A AD concebe a ideologia como fabricação de evidências. Neste trabalho, temos como objetivo compreender como o *corpus* de estudo fabrica discursos sobre a escola, sobre a situação da educação em Sergipe e em sua Capital. Podemos observar que o funcionamento ideológico trabalha na fabricação de evidências já na capa do folhetim. Assim, do ponto de vista teórico, esse encaminhamento é uma memória que presidirá os efeitos de sentidos nas materialidades em questão.

Sobre construção de evidências na matéria, nossa análise aponta dois caminhos, a saber: a) a produção de um discurso no qual a evidência é construída a partir de uma posição que se filia a um discurso do ver, do visual e b) a construção da evidência da avaliação a partir de um discurso burocrático, sistêmico, abstrato e, portanto, científico. No entrecruzamento dessas formações, uma terceira discursividade é decisiva para a constituição do sujeito: a educação como jogo e espetáculo.

O processo analítico considera o *corpus* empírico em sua ordem de exposição da textualidade, na medida em que a matéria sobre o ENEM está condensada em um único ponto do jornal. Mais precisamente, está na capa, no editorial, na matéria central, mas, fundamentalmente, a análise toma as materialidades em sua dispersão discursiva.

Em termos práticos, trabalhamos o *corpus* empírico em três recortes/Sequências Discursivas (SD): no primeiro recorte, temos as sequências em destaque na capa; no segundo, as sequências de um pequeno texto introdutório, também da capa; e, por fim, um terceiro recorte com sequências discursivas da matéria central.

### Discurso da imagem e da neutralidade

Nesta seção vamos analisar as SD em destaque na capa do periódico. A análise desse primeiro recorte privilegiará a construção de um discurso que constrói uma imagem negativa da educação e das escolas de Sergipe. O outro discurso, por sua vez, edifica a imagem do jornal como veículo de informação neutro, o qual fornece o *real* diretamente ao leitor. Vejamos:

Sequências Discursivas
SD1. “Retrato da educação particular”
SD2. “O ranking Brasil do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM – em 2014 revelou tristes surpresas em relação ao ensino em Sergipe”.
SD3. “Editoriais” / “ENEM: mirem-se no Piauí”.
SD4. “Melhor escola de Sergipe fica em 156º lugar no ENEM”
SD5. “E ao que parece, Sergipe vai mal das pernas nessa seara”.
SD6. “A primeira sergipana do ranking é X, que aparece no nada glamouroso 156º lugar”.
SD7. “Os resultados de Sergipe no ENEM beiram o risível”

**Quadro 1: Discurso da imagem e da neutralidade (primeiro recorte)**  
**Fonte: Jornal Cinform, edição 1670, ano 32 (13 a 19 de abril de 2015)**

Ao iniciar a pesquisa, observamos que os significantes “retrato” (SD1), “revelou” (SD2) e “mirem-se” (SD3) podem ser vistos como pistas (GINZBURG, 2003) que dispararam a análise desse discurso. Além disso, apontamos como essa posição constitui uma quebra da expectativa em relação ao imaginário sobre Sergipe, suas escolas e sua capital.

Os trechos “tristes surpresas” (SD2), “fica em 156º lugar no ENEM” (SD4), “vai mal das pernas nessa seara” (SD5) e “nada glamouroso 156º lugar” são indícios de um discurso negativo, de modo que a imagem projetada das escolas e da educação sergipanas são trabalhadas em tom de crítica. Vejamos mais detalhadamente esses aspectos

Na SD1, tema geral da reportagem, a qual está localizada no topo da capa do periódico, em letras vermelhas, é apresentado o enunciado que significa a reportagem em uma operação de síntese. O termo “retrato”, presente no enunciado, pode ser considerado uma pista (GINZBURG, 2003) de que o jornal vê o discurso midiático como transparente, o qual daria acesso direto ao real e que traria uma “informação neutra e livre de ideologias”.

Como dissemos, a AD critica tanto essa visão do discurso midiático como o conceito de informação. O efeito de sentido imaginário de neutralidade do jornalismo é ressaltado pela escolha enunciativa juntamente com esquecimento do que ela acarreta – a saber: que **retrato** poderia ser trocado por outro significante ou por uma perífrase que remetesse a outros sentidos. O uso de um significante que remete à imagem fornece ao leitor a impressão de ser “testemunha ocular da história”, aquele que vê por si mesmo e dispensa a interpretação. Temos talvez aí o sujeito de um empirismo ingênuo. Eis então, o processo de criação dos efeitos ideológicos.

Em outra sequência da capa, o acesso a essa imagem abaixo é construído: Segundo a SD2, o jornal estaria mostrando algo. Esse “mostrar” deixaria os olhos do leitor em contato direto com algo que estaria ali “para ser visto” sem interferência do jornal. Nesse sentido, os significantes “retrato” e “revelou” são sentidos decisivos do discurso do ver, do visual. No entanto, não se trata do imagético, mas, sim, de uma imagem discursiva, de sentidos permeados pela linguagem. São certos traços atribuídos à escola e à educação que vão construindo uma imagem discursiva. Ainda, na capa, mas em caixa de texto pequena e ao final da página e também no editorial.

Na SD3, temos o significante “mirem-se”. Mirar é mais um verbo relacionado ao ver e ao olhar. Temos aqui, novamente, um discurso que direciona a interpretação para algo que estaria fora da linguagem apresentada: trata-se de um efeito discursivo e ideológico, uma vez que “mirem-se” não está fora da linguagem.

Podemos afirmar que aqui, **mirar** significa se espelhar, tomar como modelo ou exemplo. Sergipe e os sergipanos deveriam tomar o Piauí como ideal de eu. O Piauí reúne os traços identificatórios almejados por Sergipe.

Essa seria uma imagem idealizada a ser incorporada pelo leitor sergipano, na qual pode-se notar um certo ideal de ego. Além disso, esse ideal é atravessado por sentidos de “Piauí”, por uma memória e uma imagem que hierarquizam os Estados da Federação. A saber, a referência ao Piauí remete a algo ruim, negativo, na memória discursiva. Dessa forma, pode-se dizer que existe aqui um tom de crítica a Sergipe - é o superego exercendo o papel de auto-observação comentado anteriormente. Aquilo que era ruim, agora passa a ser o ideal e modelo de identificação para o estado. Ainda, o verbo **mirar** também tem o sentido de “alvo”, de objeto a ser atingido, de meta. Isso reforça o conceito de que o Piauí está em um ponto (ideal) que deva ser atingido por Sergipe. Porém, nessa concorrência, nessa competição também estão presentes os sentidos do jogo e do espetáculo. Essa exterioridade constitutiva do sujeito se espraia ao longo dessas materialidades; no editorial, temos:

SD5. “E ao que parece, Sergipe vai mal das pernas nessa seara”.

SD6. “A primeira sergipana do ranking é X, que aparece no nada glamouroso 156º lugar”.

SD7. “Os resultados de Sergipe no ENEM beiram o risível”

A fórmula “vai mal das pernas” circula socialmente, atravessa diferentes posições, recorta o sujeito em sua dimensão corpórea e significa toda a educação (e não apenas a física) como competição esportiva e jogo. Competição e jogo constituem-se como um objeto para ser visto. Assim, dessa dimensão, os sentidos logo deslizam para o “encanto”, o “charme”, a “sedução” e o “entretenimento” com o “glamour” e o “risível”, ou seja, o espetáculo. Metaforicamente (PÊCHEUX, 1995), “Vai mal das pernas” também pode indicar que a educação não se sustenta em Sergipe, não fica em pé.

Vimos então que através dos significantes “retrato”, “revelou” e “mirem-se” há a construção de um discurso no qual o sentido visual seria superior à linguagem por mostrar o real em si mesmo. O discurso aqui analisado usa a própria linguagem verbal

para construir “a visão” do real como uma evidência própria do funcionamento ideológico. A AD também tem como objetivo questionar a evidência.

De maneira a construir a evidência ideológica fazendo com que ela seja tomada pelo leitor como a verdade, a matéria analisada apresenta o discurso de uma verdade que é segura porque pode ser vista. Além da (falsa) neutralidade, existe outro motivo para o jornal “imitar” o discurso científico: a autoridade do cientista. A mídia procede como o professor no contexto do discurso pedagógico, o qual se apoia na figura do cientista para conseguir autoridade (ORLANDI, 1987).

Para finalizar esse primeiro recorte, temos a análise da manchete (SD4) A nosso ver, as relações entre as SD1 e SD4 permitem ao jornal jogar com seus limites. O que estamos dizendo é que SD1 opera com um recorte do tema voltado ao ensino particular, ao passo que SD4 projeta a temática em uma esfera maior, total, a partir da “melhor escola de Sergipe”. Nesse aspecto, o que consideramos é o fato de que essa relação metonímica produz um efeito de apagamento do ensino público.

Por outro lado, a SD4 projeta sentidos negativos acerca das escolas de Sergipe. O contexto permite uma leitura na qual o desempenho das escolas do Estado não é o que se espera delas, ou seja, o imaginário das escolas de Sergipe se “quebra” ao ser confrontado com a evidência do “retrato”. Confrontando as sequências 1 e 4, podemos dizer que uma permite interpretar a outra, uma vez que a SD1 direciona à SD4, afirmando: “O retrato da educação particular é esse: Melhor escola de Sergipe fica em 156º lugar no ENEM”.

A manchete permite esse direcionamento ao trazer a informação técnica de que a melhor escola de Sergipe ficou no 156º lugar no ENEM. A leitura desse enunciado permite, pelo contexto e por relação de paráfrase, sustentar a leitura de uma imagem que se desfez da escola e da educação em Sergipe. Isso seria possibilitado pelo trecho “revelou tristes surpresas” (SD2).

Ainda, é possível fazer uma outra leitura, a de que não se sabia o que esperar da educação em Sergipe, mas que, agora, a partir da “revelação”, podemos saber. Assim, ao não saber o que esperar, viria a “surpresa”, a qual também é parte das formações discursivas (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] /1993) próprias do jogo e do espetáculo.

Nesse caso, é necessário investigar o que constitui a posição do sujeito que “revela”. Em certa medida, os sentidos da “revelação” são próprios da posição sujeito



da imprensa/jornalismo. É a notícia, o novo, é aquilo que não se sabe sobre a sociedade e, por isso, é fundamental manter-se bem informado!

Dessa forma, parte da construção do discurso neutro pela imprensa é a referência ao número, a uma posição num ranking (156º) – fato esse que produz uma evidência de sentido, na medida em que é uma classificação calculada, realizada com critérios matemáticos e quantificáveis da qualidade de uma escola.

Outro aspecto relevante de nossa análise, diz respeito não apenas às relações hierarquizadas pela categorização das escolas, mas, também, aos efeitos de sentidos que recortam a educação em sua avaliação. São esses sentidos que alocam, categorizam e dão diretividade ao sujeito em um ambiente considerado meramente sistêmico. Ou seja, o sujeito é construído a partir de uma memória que trabalha com o apagamento das condições históricas de produção. Essa memória recorta, por sua vez, a educação no ambiente sistêmico de uma “competição instalada” entre escolas, estados e regiões do país: o ENEM.

Ainda, é possível notar que os marcadores de tempo, “fica” na SD2 e “conseguiu” na SD3, significam o sujeito em um processo finalizado. Obviamente, do ponto de vista pragmático, a matéria jornalística trata de uma avaliação finalizada, mas o discurso do jogo, como competição em si, atravessa a textualidade colocando em funcionamento o sentido de desempenho como atividade que exige competência e/ou eficiência. Esse sentido de jogo/competição que entra em circulação é fortalecido ao constituir o sujeito da educação em uma ordem maquinal sistêmico-abstrata destituída de traços humanos.

### **Discurso da burocracia**

Nesse segundo recorte, faremos uma análise das discursividades que constituem o sujeito estabilizado pelos sentidos da burocracia, pelos sentidos da educação como jogo, pela memória que hierarquiza as relações geográficas entre capital e interior e que apaga, também, o real do ensino em Sergipe pelos sentidos próprios da posição sujeito do jornalismo.

Sequências Discursivas
SD8. “Para começar, nenhuma das escolas sergipanas conseguiu colocação entre as 100 mais do país”.

SD9. “Enquanto isso, o Piauí cravou cinco entre as 100 melhores”.

SD10. “As escolas da Capital de Sergipe perdem para as de cidades do interior do nordeste, como o Colégio Helyos, de Feira de Santana, na Bahia, quarta posição no Ranking nordestino e 26ª no do Brasil com 689,68 pontos”.

SD11. “O Colégio de Aplicação da UFS é a melhor escola pública federal do Estado – 560º lugar e 618,95 pontos”.

SD12. “Entre as públicas estaduais a melhor posicionada é o Atheneu Sergipense – 7.012º no país e 505,06 pontos”.

SD13. “Foram avaliadas 14.715 escolas no Brasil”.

**Quadro 2: Discurso da burocracia (segundo recorte)**  
 (Fonte: do Jornal Cinform, edição 1670, ano 32, de 13 a 19 de abril de 2015)

Primeiramente, analisemos, ainda na capa, o trecho (SD8) que apresenta a matéria a ser desenvolvida no interior do jornal.

SD8. “Para começar, nenhuma das escolas sergipanas conseguiu colocação entre as 100 mais do país”.

No enunciado acima (SD8), a colocação do ENEM é disposta em um discurso pretensamente científico e neutro. Além dessa suposta neutralidade, o enunciado apresenta sentidos argumentativos, somados a um direcionamento da interpretação, na medida em que levam o leitor a construir uma imagem negativa das escolas de Sergipe já de saída. Esse é o efeito do “Para começar”.

Existe uma relação entre o “efeito começo” e a discursividade da burocracia, do Ranking e da escala centesimal, a qual é utilizada para classificar de modo que o “Para começar” tenha efeito na “colocação entre as 100” e vice-versa. O “100” tem efeito de totalidade, de maneira que qualquer colocação abaixo dele permite a leitura de que a escola esteja fora da escala. Qualquer colocação acima de 100 sofre um efeito de apagamento. O papel da escala de classificação remete ao discurso científico, mas também traz a memória do uso de listas como: “100 filmes pra ver antes morrer/100 livros que mais influenciaram a humanidade/100 maiores sucessos musicais” entre outras.

A SD8, entre outras, está diretamente ligada a essa lógica burocrática que constitui o ENEM como um mecanismo de avaliação, o qual serve para administrar, dividir e classificar. O uso de números e classificações não remete a uma ciência qualquer, mas à galileana, cuja característica, como afirma Milner (1996), é a matematização do conhecimento. Daí o uso de muitos números na matéria.

Essa classificação é válida para nos lembrar que é parte da gestão da educação tomar indicadores como base de análise, e o ENEM seria mais um deles. Assim, temos um discurso próprio da burocracia, a qual é parte do modo de governar moderno. Trata-se de uma forma de gerenciamento do *status quo* econômico, político e social, ou seja: um instrumento de manutenção do poder e de reprodução das desigualdades, como “método” presente em vários dos aparelhos ideológicos do Estado (ALTHUSSER, 1999).

A avaliação traz uma garantia, qual seja, a importância do ENEM para a análise das boas e más escolas. A avaliação produz efeitos de sentido do controle, da certeza e da tranquilidade para estudantes, pais, governo e sociedade em geral. Ou seja, existe aqui uma questão dos mundos logicamente estabilizados criticados por Pêcheux (1997). Por outro lado, como veremos a seguir, a discursividade do jogo se mantém em operação:

SD9 “Enquanto isso, o Piauí cravou cinco entre as 100 melhores”.

Assim, devemos considerar “cravou” como efeito do interdiscurso, ou seja, uma dispersão de discursos que afetam o sujeito (ORLANDI, 2002). Desse modo, influenciado pela discursividade do jogo como competitividade abstrata, o sujeito da educação tem as contradições de suas condições históricas apagadas. Nessa direção, também podemos observar que esse apagamento das condições é trabalhado por operadores argumentativos. E, aqui, pensamos sobre a teoria dos *topoi*, desenvolvida por Anscombe e Ducrot (1994), e Ducrot (1989) a partir da releitura feita por Guimarães (1995). O fundamental nessa releitura é que a argumentação é “importante para pensar a textualidade [...] e a relação entre interdiscurso/língua/enunciação” (p. 49).

Nesse sentido, o “para começar”, na SD8, projeta e antecipa um processo argumentativo. Ele significa positivamente a argumentação/razão no sujeito, pois abrange, também, a temporalidade- ou seja, antecipa o “por vir” da discursividade antes mesmo de sua realização. Em resumo, o que será dito já está produzindo efeito.

Por outro lado, como essa mesma forma afeta também o então sujeito construído pelo movimento “para alcançar x (uma colocação)”, o “para começar” instaura relações de jogo, competição. Como parte dessa construção, o “enquanto

isso”, na SD9, também um operador argumentativo-temporal, intensifica ainda mais essas relações, pois coloca os partícipes do jogo em relação de igualdade.

Tendo em vista esses sentidos do ranking, da classificação, do jogo e da totalidade que apagam as condições históricas, a textualidade mobiliza, simultaneamente, uma memória discursiva. Essa discursividade do jogo se realiza também na SD10 a partir do “X perdem para Y”. Vejamos a SD10:

SD10 “As escolas da Capital de Sergipe perdem para as de cidades do interior do nordeste, como o Colégio Helyos, de Feira de Santana, na Bahia, quarta posição no Ranking nordestino e 26<sup>a</sup> no do Brasil com 689,68 pontos”

Para analisar a SD10, é necessário apresentar a crítica de Pêcheux (1995) à afirmação do óbvio. Sabemos que o óbvio não se diz, porque se um enunciado ‘x’ realmente fosse algo já sabido, dado e assentado, não haveria a necessidade de anunciá-lo. Assim, a mera enunciação de que “As escolas da Capital de Sergipe perdem para as de cidades do interior do nordeste”, permite dizer que isso não é óbvio. Tanto não é óbvio que é significado aqui como “surpresa”, como uma quebra das expectativas sobre o lugar simbólico tanto de Sergipe como de sua Capital no Brasil, uma vez que a afirmação é operada por um imaginário negativo de ambos. Essa imagem seria “óbvia” se vista como uma memória não dita e silenciada (ORLANDI, 1995; TFOUNI, 2008) que sustenta a interpretação do enunciado.

Que memória é essa? A de que Sergipe e sua Capital tem um lugar muito importante no Brasil e, por isso, uma Capital “como a de Sergipe” não poderia “ficar mal no Ranking do ENEM”. Ou seja, era de se esperar que, na escala da memória que temos do mundo logicamente estabilizado (PÊCHEUX, 1997), as capitais ocupassem um lugar superior em relação ao interior (o que é negado pela SD7), e também, era de se esperar que Sergipe ocupasse um lugar melhor na escala em comparação com o resto do Brasil.

A SD13 encerra o texto da reportagem. Aparece como um dado marginal no cumprimento de sua função “meramente” informativa. Talvez apareça apenas dentro da proposta da reportagem, a qual seria de mimetizar os discursos da ciência e da burocracia, dentro do “projeto” de criação de uma ilusão da verdade - para nós uma evidência fabricada.

Dito isso, podemos retomar o paradigma indiciário tal como proposto por Ginzburg (2003), o qual aponta que as ciências interpretativas trabalham com pistas. Podemos, também, levar em consideração a afirmação de Freud (1914/1995) de que em um objeto simbólico - como um sonho, por exemplo - os dados marginais podem ser mais importantes do que o tema principal em si, uma vez que o inconsciente, ao operar por metáforas e metonímias, realiza um jogo de linguagem que inverte e subverte os sentidos supostamente originais e ocultos.

Desse modo, tomamos a SD13 como uma enunciação inconsciente que escapa ao sujeito quase como um ato falho, ao dizer o que não esperava dizer. Notamos, então, que se trata de algo que o sujeito não controla no ato de enunciação e, por isso, chama o analista à interpretação.

Neste estudo, trabalhamos, então, com a proposta de Michel Pêcheux que liga a ideologia ao inconsciente e, portanto, o marxismo à psicanálise. Essa inversão realizada pelo jogo simbólico do inconsciente poderia ser lida em uma relação com o conceito tradicional de ideologia - no qual, a ideologia é inversão da realidade. Colocar a SD13 no final da reportagem - na borda do texto - e sem comentar a informação, seria um gesto inconsciente de ocultação. No entanto, a AD não concebe a ideologia como ocultação ou inversão, mas, sim, como fabricação de evidência. Nesse aspecto, seria possível dizer que para trabalhar o imaginário acerca das escolas de Sergipe, a SD13 é apresentada como um dado marginal para que a evidência possa tomar seu lugar de protagonista. Isso nos permite interpretar a reportagem em sua totalidade. É válido considerar que o leitor/intérprete não necessariamente está na posição imaginada pelo autor, e esse deslocamento pode provocar rupturas com o plano interpretativo do autor. Dessa forma, ao não se prender à evidência do texto ou ao não se posicionar no lugar imaginado pelo autor, o analista pode, inclusive, buscar uma entrada por pontos que à primeira vista parecem detalhes não relevantes, como a SD13.

Esses detalhes permitem uma entrada para análise na medida em que o controle da autoria opera pela evidência do efeito conclusão. Poderia ser, então, um ponto no qual a consciência e a vigia do eu (ego) relaxam e, assim, o inconsciente vem à tona. O leitor, como um detetive, através do paradigma indiciário, encontra essas pistas (GINZBURG, 2003) nas quais o autor pouco se esforça para construir ao elaborar o texto, deixando, assim, transparecer outras possibilidades de interpretação.

Como diria De Certeau (1998), a leitura é uma “operação de caça”, e o analista precisa saber se deslocar através das “pradarias de texto” caçando pistas para interpretá-lo, mesmo que essas pistas sejam marginais.

Podemos dizer que a SD13 é uma porta de entrada para o questionamento da reportagem, inclusive em seus próprios termos, a qual permite mergulhar no discurso burocrático, avaliativo e classificatório da informação apresentada. Dessa forma, é possível suspender as evidências e perguntar: levando em conta que “Foram avaliadas 14.715 escolas no Brasil”, estar em 156º lugar na escala avaliativa do ENEM é realmente ruim como a reportagem indica? Uma colocação dessas em um universo de mais de quatorze mil escolas talvez fosse algo a ser celebrado, em vez de rejeitado.

Isso nos permite ir adiante e questionar ainda mais as evidências de um suposto resultado ruim no ENEM de Sergipe e das escolas de sua capital. Por exemplo: a colocação de 560º lugar do Colégio de Aplicação da UFS (SD11) é mesmo ruim, em um universo de 14.715 escolas? O mesmo podemos perguntar sobre a colocação do Atheneu Sergipense que seria “entre as públicas estaduais a melhor posicionada” (SD12). A colocação 7.012º não é um resultado brilhante, mas ainda coloca a escola no centro da curva, ou seja, bem no centro da média. Basta observarmos que o ENEM tem como nota máxima 1000 pontos e que o Atheneu Sergipense, obteve 505,06 pontos. Usando as escolas tradicionais com parâmetro, podemos dizer que se a nota máxima do ENEM fosse 10, então o colégio teria uma nota (arredondada para baixo) 5,0. Usando o discurso escolar, podemos dizer que 5,0 é uma nota “azul”, ou seja, uma nota de aprovação e não de reprovação.

### **Discurso do jogo, do espetáculo e da exclusão do ensino público.**

A partir da matéria central apresentada no Caderno 1 Cidade (p. 12) Especial Ensino Médio, temos, neste terceiro recorte o título e o entretítulo, o “corpo” do texto com cinco seções, uma foto com legenda e três boxes trazendo comparações entre escolas. Vejamos, primeiramente, a sequência discursiva do título:

Sequências Discursivas
SD14 “Entre as 100 escolas mais-mais do ENEM, nenhuma é sergipana”.
SD15 “Primeira escola de Sergipe no ranking brasileiro é a número 156. Enquanto isso, Piauí cravou cinco entre as cem melhores. Mensalidade por lá também é mais barata do que a da melhor daqui”.
SD16 “Nem sempre a mensalidade mais cara é garantia de melhores resultados”.

SD17 “Os melhores; Sergipe; Ensino público; Cifras e Discussão”.  
 SD18 “Os melhores de Sergipe: privados/públicos”; “Os melhores do Nordeste”;  
 “Destaques Sergipe e Brasil: melhores Brasil/piiores Sergipe/piiores Brasil”.

**Quadro 3: Jogo, espetáculo e exclusão do ensino público (terceiro recorte)**  
 (Fonte: do jornal Cinform, edição 1670, ano 32 (13 a 19 de abril de 2015))

A SD14, traz a expressão “escolas mais-mais”, a qual deve ser compreendida como enunciado advindo de outra formação discursiva (PÊCHEUX & FUCHS, 1975/1993). Isso porque, não tem origem no jornalismo nem na ciência/ensino em sentido estrito, uma vez que foge do que “pode e deve ser dito” na posição sujeito em questão.

A expressão “mais-mais” (SD14) extrapola a relação de paráfrase com, por exemplo, “Entre as 100 escolas mais bem colocadas”. O “mais-mais”, em sua formulação concretizada pela repetição, carrega em si uma trajetória de sentidos que extrapola o domínio adverbial para a designação de comparação. Apresenta sentidos próprios da competição pertencentes ao entretenimento, à diversão. A partir do campo semântico do entretenimento, a expressão retorna a discursividade da visão, a dimensão do jogo do espetáculo: algo para ser visto. Por esse viés, podemos pensar no espetáculo (DEBORD, 1997) fornecido pela mídia como um simulacro do real, entrando, inclusive, em contradição com a objetividade pragmática que seria supostamente própria do discurso jornalístico.

Consideremos, também, o fato de que a discursividade opera através do corte numérico “Entre as 100 escolas”. Como já dito anteriormente, essa escala abstrata de representação produz um efeito de objetividade, de regulação burocrática e, portanto, de cientificidade no que diz respeito ao rigor e à preponderância informativa - ou seja, o jornalismo em si. Mais que isso, essa escala centesimal produz um efeito de totalidade, de inclusão, de aceitabilidade. Estamos diante da construção discursiva da exclusão da escola sergipana. A nosso ver, esses sentidos manipulam o apagamento das condições históricas de produção.

Logo abaixo do título, temos um entretítulo, um pequeno resumo do texto/matéria, constituída pela SD15 “Primeira escola de Sergipe no ranking brasileiro é a número 156. Enquanto isso, Piauí cravou cinco entre as cem melhores. Mensalidade por lá também é mais barata do que a da melhor daqui”.

Na SD15, como podemos observar, a dimensão numérica, o efeito centesimal faz relação direta com o título. E, pela sobreposição de sentidos dessa ordem informativa, a sintaxe, os processos de coordenação e a subordinação - características próprias da escrita - cedem lugar a encaixes mais condizentes com a oralidade.

Podemos observar que “o enquanto isso” agrega sentidos de temporalidade que entram em contradição com os sentidos do quadro numérico - ou seja, sentidos de espaço. O “por lá” e o “daqui” também operam essa “posição outra”, a da oralidade. Junto à discursividade do entretenimento/diversão, gostaríamos de destacar alguns fatos a partir dessa SD.

Ao tomar “ranking” sob um ponto de vista discursivo, abrimos caminho para a compreensão do processo de construção da posição do sujeito. Nesse caso, duas questões devem ser analisadas: a) os sentidos de uma “administração burocrática” e b) os sentidos preponderantes dessa “administração” advindos de outro discurso em língua estrangeira. Dessa forma, retornamos aos sentidos mobilizados pela análise do Segundo Recorte.

Nessa construção, é importante considerar os efeitos de sentido que atravessam os textos em análise originados do enunciado “ranking”. Não nos parece que essa palavra deva ser descrita como um “estrangeirismo”, como um gesto de interpretação de certa tradição dos estudos linguísticos - isto é, como mero “uso de palavra estrangeira”. Uma tradição que se situa na discussão acerca da equivalência e/ou adequação vernácula, os chamados vícios de linguagem, barbarismos etc. Por esse viés, “ranking” seria ou não equivalente a uma “sequência de classificação” de atletas? como, por exemplo, em “Fulano é o primeiro do ranking mundial”. Para nós, “ranking” recorta uma posição/sujeito exterior ao próprio do ensino. Obviamente, os sentidos de classificação e hierarquização são parte integrante da instituição escola, da educação, mas “ranking” engloba sentidos de outras formações, tais como a esportiva, por exemplo.

Sendo assim, os sentidos de classificação, com critérios quantificáveis, são derivados de um sujeito afetado pelos gestos da “administração burocrática” na qual existe o peso da impessoalidade. Essa classificação é caracterizada pela aplicação de procedimentos padrão regulamentados por normas, regras e critérios invariáveis pertencentes a um sistema estrutural hierárquico (PÊCHEUX, 1997). Nesse caso, as



particularidades do processo no qual “o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual” (PCN, 1997, p. 20) são apagadas em favor das determinações dessa administração burocrática.

Dessa forma, é importante dizer que é a partir desses gestos, o sujeito do ensino é destacado de sua dimensão criativa e passa a trabalhar nessa demanda administrativa previamente estabelecida. Esses sentidos burocráticos operam a educação como um processo produtivo tendo em vista seus indicadores - sobretudo os econômicos. Assim, o que está em funcionamento, desde a SD1, são condições históricas de produção que apagam o ensino “público e gratuito” como se a esfera pública estivesse fora dos domínios do capital. Podemos observar esta análise na sequência a seguir:

SD16 “Nem sempre a mensalidade mais cara é garantia de melhores resultados”

A SD16 é legenda da imagem que ilustra a página/matéria apresentada neste trabalho. A foto ilustra uma sala de aula com professor e alunos e faz um recorte de uma região de sentidos a qual exclui a diferença, a divisão. Mais que isso, é uma memória que apaga o ensino público e gratuito. Observemos que a matéria é dedicada ao “ensino particular”, mas o “ensino público” aparece em diferentes momentos como um resíduo, o “outro” constitutivo.

Ainda é válido apresentar o seguinte: os sentidos de classificação estão operando não apenas as escolas, mas a nacionalidade (o Brasil), a naturalidade - os estados, as regiões, (o Nordeste) e a dicotomia público/privado. Dessa forma, o público também aparece separadamente em um dos três boxes que categorizam essas dimensões e, mais que isso, abrem espaço para a circulação de sentidos da competição como mero jogo, espetáculo.

### **Considerações finais**

Nesse estudo, observamos, a partir do funcionamento discursivo dos sentidos de retrato/revelação que o sujeito do jornalismo é construído na posição daquele que desvela o real através da informação, da notícia, do novo. Ou seja, esse sujeito é construído na posição daquele que apresenta o real de maneira direta, transparente,

sem equívocos. Sendo assim, o próprio desse discurso é o entrecruzamento com outro discurso, a saber: o da ciência.

Especificando essa relação entre discursos, as análises nos levaram a uma terceira discursividade: a de que a ciência vem significada no *corpus* através dos sentidos da burocracia. Nesse caso, entram em circulação os sentidos dos indicadores numéricos (ranking); logo, é por esse caminho que os sentidos deslizam para as formações discursivas do jogo, do entretenimento.

Assim, devemos avançar na análise de textos midiáticos que têm como foco a qualidade do ensino, seus problemas e propostas de solução. Nesse sentido, o *corpus* empírico em construção inclui matérias sobre resultados de outros exames e outras avaliações, da forma como são significadas as propostas e as discussões sobre diretrizes curriculares como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2016).

## Referências

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: S. ZIZEK (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto. 1ª reimpressão, 1999.

\_\_\_\_\_. [1970] **Sobre a reprodução**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª edição. Petrópolis: Vozes. 2008

ANSCOMBRE, J-C. & DUCROT, O. **La argumentación en la lengua**. Madri, EP, 1994.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, BARRETO & COLUCCI. “A fotografia na divulgação da ciência e tecnologia: análise dos jornais impressos Cinform e Jornal da Cidade”. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1495-1.pdf> >

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis: Vozes. 1998 3ª edição.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUCROT, O. “Argumentação e ‘Topoi’ argumentativos”. In: Guimarães, E. (org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP, Pontes, 1989.

FREUD, S. [1914]. **O Moisés de Michelangelo**: Obras psicológicas completas; Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago. 1995. 2ª edição.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras. 2ª edição, 1ª reimpressão, 2003.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**: um estudo histórico enunciativo da linguagem. Campinas, SP: Pontes. 1995.

MILNER, J-C. **A obra clara**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2002.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas/SP: Pontes. 1987.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 3ª edição, 1995.

PÊCHEUX, M. [1969]. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1993, p. 61- 161.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. Unicamp. 1995

\_\_\_\_\_. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? [trad. Eni Orlandi]. Campinas, SP, Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. & FUCHS, C. [1975] A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F., HAK, T. (Org.). **Por Uma Análise Automática do Discurso** - Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas. Ed Unicamp, 2ª. Edição. 1993, p.163-252.

TFOUNI, F. "O interdito e o silêncio: duas abordagens do impossível na linguagem". **Linguagem em (Dis) curso**, 8 (2) 353-371.

Recebido em 11 de setembro de 2019  
Aprovado em 23 de novembro de 2019